

DISCUSSÕES SOBRE ADOLESCÊNCIA, PUBERDADE E SEXUALIDADE: VIVÊNCIAS NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA CIÊNCIAS E BIOLOGIA/FURG

MOLINA, Willian Mirapalheta¹; BASTOS, Gabriel Parula¹;
COELHO, Eduarda Fabio¹;
MADONO, Camila Adriani Coutinho¹;
MACIEL, Larissa Bandeira¹;
FREDES, Thamires Souza¹;
DORNELES, Lúcia Patrícia².

HEFLER, Sonia Marisa³
willian_mirapalheta@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande - FURG, *campus* Carreiros

Palavras-chave: Formação de Professores; Ensino de Ciências; Escola; Educação Sexual; Corpo Biossocial.

1. Contexto do relato

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) encontra-se atualmente (2023/02) na sua segunda edição na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Esse programa é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) que visa aproximar os (as) licenciandos (as) do ensino superior, que já completaram 50% ou mais do curso, com a realidade escolar da Educação Básica, propiciando uma formação mais integral para os (as) futuros (as) professores (as) (BRASIL, 2023). O programa é fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, vinculada ao MEC.

O PRP proporciona regência em sala de aula, acompanhamento de práticas pedagógicas e diálogo com as diferentes faces e percepções pedagógicas de todo corpo escolar. Nesse espaço, os residentes podem participar de inúmeras imersões pedagógicas que a universidade não proporciona em seu espaço estrutural, como por exemplo, a participação de reunião com os pais. Essas vivências dialogam teoria e prática, consolidando uma formação em exercício, importantes para qualquer profissão, como propõe Nóvoa (2009).

Na FURG, o programa está organizado em subprojetos. Um deles é o Ciências e Biologia, ou RPBio como chamamos carinhosamente, envolvendo 18 estudantes-residentes do curso de Ciências Biológicas, 3 professoras-preceptoras de 3 escolas parceiras da rede pública do município do Rio Grande/RS (E.M.E.F Ana Neri, E.E.E.F Saldanha da Gama e E.E.E.M Bibiano de Almeida) e 1 professora-orientadora ligada à organização do RPBio da FURG. Cada escola é composta por 1 preceptora e 6 residentes. Todo esse coletivo trabalha junto para construir o programa de forma participativa, dialógica e harmônica, resultando em uma comunidade aprendente entre escola e universidade.

O grupo da escola Ana Neri, foco deste relato de experiência, organiza suas imersões pedagógicas de forma a conduzir os residentes para o melhor

¹ Estudantes-residentes da Escola Ana Neri, Subprojeto Ciências e Biologia, RP FURG

² Prof^ª Preceptora da Escola Ana Neri, Subprojeto Ciências e Biologia, RP FURG

³ Prof^ª Orientadora do Subprojeto Ciências e Biologia, RP FURG

aproveitamento da relação com o programa e com a escola. As regências em salas de aula são organizadas por trios, semanalmente ou quinzenalmente na escola. Um dos trios realizou duas semanas de regências sobre o tema “Adolescência e Puberdade” para a turma do 8º ano da escola, relatar essas experiências é o objetivo desta escrita.

2. Detalhamento das atividades

Esse relato de experiência compreende três etapas de desenvolvimento, ambas ocorreram no final de junho de 2023, na E.M.E.F Ana Neri.

A primeira etapa foi a de planejamento. A temática “adolescência e puberdade” foi pensada junto a preceptora da escola, estando de acordo com o que ela vem desenvolvendo com a turma. Nos organizamos de modo a diagnosticar quais metodologias poderiam produzir aprendizagens significativas para trabalhar os assuntos. A estratégia que preponderou nas nossas discussões foi baseada na “Dinâmica da caixa de dúvidas”. Essa atividade consiste em perguntas e respostas de forma anônima, propiciando o diálogo sobre as curiosidades, incertezas, angústias, aflições e medos que esse período de descobertas da vida abarca.

Na segunda etapa ocorreu a primeira imersão pedagógica na escola. Inicialmente os estudantes se organizaram em um círculo caracterizando uma roda de conversa. Em seguida construímos na lousa um mapa mental, tendo no centro as palavras “Corpo, modificações e transformações”. A partir dessas palavras puxamos setas direcionando para diversos temas que permeiam a puberdade, a adolescência e a sexualidade humana. Dentre os temas estão: gênero e sexualidade, IST’s e métodos de prevenção, métodos contraceptivos, características biológicas secundárias, relacionamento saudável, consentimento e limites, respeito com o próprio corpo, individualidade de cada corpo, menstruação, sexo, preconceito, discriminação, entre outros. Formou-se uma chuva de palavras de temas que atravessam a vida dos (as) estudantes e são comumente conhecidas por eles (as), mas certamente pouco dialogadas em instituições sociais como a família e escola, por exemplo. Esse mapa mental serviu de insumo para a dinâmica posterior.

Em seguida, cada aluno (a) recebeu um pedaço de papel e um balão. Com base na breve exposição do mapa mental, os (as) estudantes deveriam expor nos papéis alguma dúvida, curiosidade ou relatar algum acontecimento que se sentisse confortável e como mencionado acima, de forma anônima.

Após todos encher seus balões e jogarem no centro da roda, era a vez de cada aluno (a) pegar o balão e ler a pergunta de algum colega para iniciar as discussões. Por fim, a última etapa ocorreu na segunda semana de atividades. Esse momento deu continuidade na dinâmica anterior, sendo possível terminar de ler todas as questões e finalizar a roda de conversa. Nas ocasiões estiveram presentes em média 25 estudantes, com tempo de duração de 1h30 minutos em cada semana.

3. Análise e discussão do relato

O tema supracitado foi norteador pelo Ensino do Corpo Biossocial. Segundo Ribeiro (2013) o enfoque desse ensino é “discutir sobre o corpo não apenas como uma materialidade biológica, mas como histórico e culturalmente produzido”. Nesse sentido, falar sobre puberdade e adolescência apenas no viés das mudanças biológicas, como por exemplo, crescimento de mamas e pênis, é fragmentar e

descontextualizar o ensino, apagar culturas, identidades e peculiaridades de cada corpo, restringindo a um corpo desconectado e genérico, que não representa a diversidade de características humanas.

Ao falar sobre as diferenças, peculiaridades e singularidades de cada corpo, entendemos que nos aproximamos do enfoque biossocial. Essa perspectiva pedagógica já é utilizada pela professora preceptora da escola, facilitando assim a nossa continuidade das discussões.

A estratégia de ensino com perguntas e respostas anônimas preserva a identidade dos sujeitos, e desse modo buscamos veementemente fugir de qualquer desconforto que suas dúvidas, curiosidades ou questionamentos possam gerar frente à turma. Isso pode ocorrer devido à falta de discussões sobre Educação Sexual, alimentando tabus, estigmas e desinformações. De acordo com Figueiró (2001) a Educação Sexual é tarefa tanto dos pais quanto da escola, e é na escola que surge a oportunidade de debates entre os (as) estudantes de idades próximas. Para Figueiró (2001) “Não se faz Educação Sexual sem debate”. O enfoque do corpo biossocial e o debate dos assuntos na perspectiva da Educação Sexual se articularam conjuntamente ao longo das nossas dinâmicas.

É importante salientar que a escola Ana Neri desenvolve ao longo de todo ano letivo e em todos os anos do Ensino Fundamental diversas atividades e palestras sobre Educação Sexual, buscando integrar práticas interdisciplinares no espaço escolar. As propostas pedagógicas dos residentes se articularam com o planejamento anual da escola, que visa a formação integral dos sujeitos em todas as dimensões – cultural, intelectual, social, física e emocional.

As regências ocorreram de forma horizontal, dialógica e sem qualquer tipo de julgamento ou preconceitos. Entretanto, buscamos romper com a ingenuidade dos (as) educandos (as), conduzindo-os (as) a uma consciência crítica frente às temáticas, como preconiza Freire (1974). Neste caso uma criticidade nos (as) estudantes sobre seus corpos, suas particularidades, transformações e incertezas, que são comuns nessa fase da vida.

Entre as interrogações da dinâmica do balão estão questões biológicas sobre as características secundárias de machos e fêmeas e formas de contrair IST's, e sociais como bullying, preconceitos e opressões, como o racismo. A maneira como falar com os pais sobre o corpo, sexualidade e problemas pessoais também apareceram bastante. Alguns assuntos que não foram levantados nós trouxemos conforme a relevância e a necessidade, não se restringindo apenas às perguntas e respostas.

Sobre a interação com os (as) alunos, acreditamos que a proximidade de idade entre nós e a turma, gerou interações mais sólidas e empáticas. Assim, conseguimos trilhar uma melhor comunicação, nos identificando em muitas falas, como: “Não encontrar seu lugar”, “Não se entender ainda enquanto sujeitos que estão amadurecendo”, “Querer sair de casa e morar sozinho” ou “Vontade de ter mais liberdade”. Essa pequena diferença de idade nos conecta mais com a turma, oportunizando compreensões mútuas entre nosso grupo, corroborando para que os (as) estudantes possam se expressar e encontrar um relacionamento de confiança e segurança. Além da idade, o fato deles estarem dialogando com pessoas que não são do corpo docente da escola, permitiu que eles se abrissem sem qualquer tipo de inibição, cobrança, vergonha ou timidez, que essas conversas pudessem gerar, favorecendo também na nossa troca coletiva.

Por fim, percebemos que entre todas as nossas inserções na escola, essas imersões pedagógicas foram as que mais proporcionaram o protagonismo dos sujeitos, tão requisitados pela escola, possibilitando nos aproximar dos objetivos dessas regências.

4. Considerações finais

Essas rodas de conversa foram desafiantes. Esse tipo de metodologia requer bastante cuidado na fala, delicadeza, clareza e objetividade, visto que são assuntos que dialogam diretamente com o cotidiano dos (as) estudantes, sua vida íntima e pessoal. Nesse sentido é bastante importante ter a noção do enorme compromisso social dos professores-residentes naqueles espaços, bem como requer um conhecimento ou formação teórico-prática sobre as temáticas. Sendo três professores (as) em formação no espaço, foi mais fácil mediar as discussões. Além disso, esse tipo de estratégia de ensino possibilita perguntas que talvez não sejam fáceis de serem respondidas, visto que cada pergunta é uma incógnita.

Notamos que os (as) estudantes se sentiram acolhidos e percebidos enquanto indivíduos singulares. Dessa forma, a metodologia escolhida garantiu aprendizagens significativas, possibilitando abranger a diversidade biológica e cultural humana, de modo respeitoso, horizontal e dialógico, abarcando as ínfimas dúvidas e curiosidades que muitas vezes não encontram locais para serem acolhidas.

Essas experiências evidenciam a importância do Programa de Residência Pedagógica para a formação crítica de educadores (as). Também, é imprescindível destacar o papel exercido pelo programa enquanto espaço de formação continuada teórico-prática de professores (as), tanto da educação básica quanto do ensino superior, uma vez que oportuniza a troca de experiência e conhecimentos entre diferentes realidades, gerações e percepções do fazer pedagógico. Vivências como essas constituem um pouco mais do “ser docente” para cada residente, repleto de aprendizados, valores e amorosidade. Por fim, agradecemos à Capes pela concessão das bolsas ao longo de todo o programa.

5. Referências

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Residência Pedagógica - Apresentação.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/residencia-pedagogica>> Acesso em: 13 jul. 2023.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites.** 2001. 316 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/190864>> Acesso em: 15 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa 2002.

RIBEIRO, Paula Regina Costa, QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar.** 3. ed. revisada. Rio Grande: Editora da Furg, 2013.